



Vol 6, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2015
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Como citar este artigo: TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 06, n. 01, pp. 167-181, jan./jun. 2015.

Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar¹

Frederico de Mello Brandão Tavares²

RESUMO

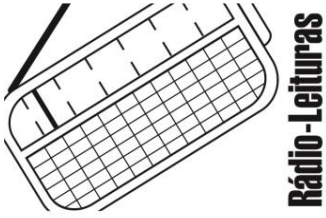
Este ensaio, por ocasião da abertura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e a convite da Revista “Rádio-Leituras”, busca realizar uma apresentação e uma “reflexão” sobre o PPGCOM-UFOP. Tem em vista o cruzamento de tempos que envolvem o Programa, seu passado, presente e futuro, esboçando, de forma tentativa, um quadro de memórias, impressões e expectativas que compõem os propósitos investigativos e problematizadores de sua recém-nomeada identidade. Tem o “olhar” como fio condutor desse propósito, ora como conceito, ora como dispositivo que engendra e media o encontro entre os eixos centrais do Programa, a saber: comunicação e temporalidade.

Palavra-chave: Olhar; Comunicação; Temporalidade; Pós-Graduação; UFOP.

167

¹ Texto baseado no discurso proferido durante o evento de abertura oficial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP, em 13 de abril de 2015, no auditório do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, em Mariana, Minas Gerais.

² Professor Adjunto II da Universidade Federal de Ouro Preto, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, Mestre e Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela UFMG. E-mail: fredtavares.ufop@gmail.com.



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

INSTANTE

*Uma semente engravidava a tarde.
Era o dia nascendo, em vez da noite.
Perdia amor seu hálito covarde,
e a vida, corcel rubro, dava um coice,*

*mas tão delicioso, que a ferida
no peito transtornado, aceso em festa,
acordava, gravura enlouquecida,
sobre o tempo sem caule, uma promessa.*

*A manhã sempre-sempre, e dociaastutos
eus caçadores a correr, e as presas
num feliz entregar-se, entre soluções.*

*E que mais, vida eterna, me planejas?
O que se desatou num só momento
não cabe no infinito, e é fuga e vento.*

*Carlos Drummond de Andrade
A vida passada a limpo, 1959*

Remeter-se ao tempo é remeter-se a nós. Ler o tempo e enxergar nele um fluxo de acontecimentos, organizá-lo, representá-lo de modo a fazer sentido, é dizer quem somos e localizarmo-nos no mundo. O que não significa, necessariamente, “fazer história” ou tampouco interpretá-la, sob o regime de um olhar científico ou de outra ordem. Mas, antes, perceber, de maneira detida, a inserção humana em uma temporalidade, ou várias; e o movimento dialético que perpassa essa compreensão.

O esloveno Egven Bavcar (2003, p. 124), notável por ser um “fotógrafo incomum”, deficiente visual, lembra que em cada época histórica dos homens, “existiu um infinito, para além do horizonte de nosso olhar físico”. Também conhecido como artista e pensador, Bavcar, retomando a experiência do olhar e seus desvelamentos desde a Antiguidade, aponta que “o infinito, como aspiração a ir além do visível, foi sempre a vontade de ver as coisas exteriores por nossa interioridade também, e de dar assim a nosso olhar exterior a capacidade de ultrapassar as visões mais imediatas” (p.

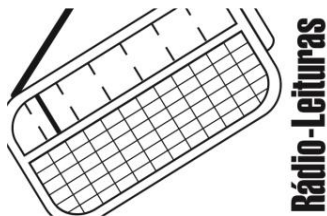
124). Para ele, no olhar humano de hoje encontra-se refletida a memória de “todos aqueles que, antes de nós, queriam olhar com seus próprios olhos, e que nos legaram o dever de prosseguir sua missão, nas dimensões temporais e nos espaços do universo que são nossos” (p. 124). O que não quer dizer, conclui, “que não devemos nos contentar com o céu estrelado pelas câmaras que nos perscrutam, mas que devemos tentar sempre olhar com nossos próprios olhos, por frágeis que sejam” (p. 124).

O olhar, assim, aparece como “ferramenta” de transposição em relação à superfície, ao direto. Uma espécie de trajeto rumo à superação de uma ordem primeira da experiência, sem desconsiderar a participação desta na constituição dos sentidos e significados do mundo. Realiza um tipo de movimento mediador entre o tangível e o intangível, entre a permanência e a ruptura, instaurando ou personificando a possibilidade do encontro, como terceiro elemento dos contextos de miragens analíticas sobre o mundo. Sejam aquelas que permeiam o cotidiano do senso comum, sejam aquelas de âmbitos especializados, racionalizados, mas não menos subjetivos.

Nessa ambiência do encontro, como concretização e como possibilidade, deu-se a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Uma proposta que, sob a chancela do binômio “Comunicação e Temporalidades”, indica uma “vontade de olhar” a partir de um viés sintonizado com trajetórias e contextos diversificados, justificando-se pela inserção pensada em tempos e espaços cuidadosamente refletidos.

Trata-se: do primeiro Programa de Pós-Graduação da área de Ciências Sociais Aplicadas na UFOP, o único novo Programa *stricto sensu* na subárea “Comunicação” recomendado pela CAPES em 2014, quarto Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Minas Gerais; um projeto aprovado em sua primeira tentativa.

Este texto, por ocasião da abertura do Programa e a convite da Revista “Rádio-Leituras”, realiza, de maneira concomitante, uma apresentação e uma reflexão sobre o



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

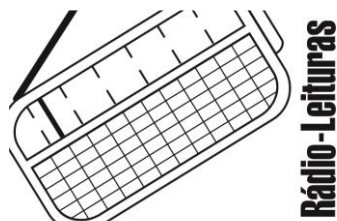
PPGCOM-UFOP. Tem em vista o cruzamento de momentos que envolvem o PPG, seu passado, presente e futuro, esboçando, de forma tentativa – e, por que não dizer, pretensamente representativa – um quadro de “memórias”, impressões e expectativas que compõem os propósitos investigativos e problematizadores de sua recém-nomeada identidade. Tem o “olhar” como fio condutor desse propósito, ora como conceito, ora como dispositivo que engendra e media o encontro entre os eixos centrais do Programa, a saber: comunicação e temporalidade.

A Revista “Rádio-Leituras”, vinculada desde 2010 ao Grupo de Pesquisa Jornalismo e Convergência (CONJOR), passa, a partir do ano de 2015, a integrar o universo de publicações do PPGCOM-UFOP, sendo, no início do Programa, seu primeiro periódico científico. A Revista e o CONJOR, apesar de temáticas específicas e direcionadas, incorporam, em seus escopos, preceitos que tangenciam e fundamentam, também, o universo de atuação, o horizonte de olhar do PPGCOM. E promovem, nessa edição, por abrigarem o registro das atividades inaugurais do Programa, um encontro. Mediando a possibilidade de “Leituras”, tal qual a nomenclatura da publicação; oferecendo um lugar de fala ampliado das noções de comunicação e mídia, tensionadas pelos tempos sociais.

Motivações e direcionamentos

A gestão do Projeto do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP (TAVARES; PRATA; BORGES; SCHWAAB, 2014) foi possível pelo cenário do curso de Jornalismo da instituição que, desde 2008, ano de sua fundação³, consolidou-se como referência. Desde as primeiras turmas do curso, pelo conjunto dos discentes e docentes, a graduação em Jornalismo da UFOP alcançou prêmios nacionais e regionais,

³ O curso de Jornalismo da UFOP foi instalado no período de expansão do ensino superior promovido pelo Governo Federal na segunda metade dos anos 2000, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).



Vol 6, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2015

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

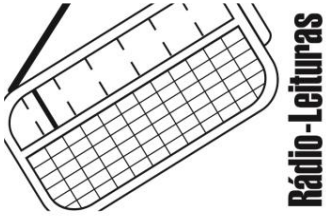
de pesquisa e de âmbito laboratorial⁴. Possui egressos exercendo a função de jornalistas, de comunicadores, de pesquisadores, em distintas instituições.

A inauguração de um Programa de Pós-Graduação em Comunicação no interior do país, fora do eixo das capitais e do eixo Rio-São Paulo, onde estão concentrados mais de 70% dos PPGs do Brasil, traz consigo – e revela – o compromisso com a redução de desigualdades históricas – sociais e regionais – via educação, enfatizando a participação na produção do conhecimento e a contribuição perene na estruturação geracional de uma parcela da massa crítica do país e de sua região de atuação.

O novo Programa encontra-se emaranhado a um ambiente organizacional específico e a um contexto social ímpar, marcado por duas cidades principais: Mariana e Ouro Preto. Mariana, sede do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da UFOP, possui cerca de 57 mil habitantes e está localizada a 111 km de Belo Horizonte, atual capital de Minas Gerais. Foi a primeira capital do Estado e, ao lado de Ouro Preto – também capital de 1720 a 1897, primeiramente como capital da Capitania de Minas Gerais e depois (1823) como capital da Província de Minas Gerais –, é a segunda cidade mais importante da chamada “Região dos Inconfidentes”. Com uma história marcada por questões políticas e econômicas, a região preserva ainda hoje um importante e controverso papel como polo de mineração. Seu imaginário cotidiano está permeado pelas questões “do passado” e destaca-se nas áreas turística e de trabalho com o patrimônio histórico e arquitetônico nacional. Ouro Preto é, desde a década de 1980, Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, reconhecida pela Unesco, e abriga a sede da UFOP desde 1969, quando as centenárias Escola de Farmácia (de 1839) e Escola de Minas (de 1876) foram unificadas em torno de uma mesma instituição.

Atento a este contexto, o Programa de Pós-Graduação da UFOP, pode-se dizer, diferencia-se dos demais e ao mesmo tempo a eles se integra. Traz, como particularidade, o foco no(s) tempo(s) social(is) e no papel organizador e constituidor

⁴ Mais informações podem ser buscadas em: <http://www.icsa.ufop.br>.



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

da comunicação, fundando, no cruzamento de(ssas) processualidades, sua principal perspectiva. É o primeiro Programa do país a centrar-se no viés das “temporalidades”, trazendo o foco para este lugar de atravessamentos. Um movimento que não exige uma exclusividade, dada a lista de sinônimos que permeiam as noções de tempo e que se encontram na raiz de outros Programas, mas que enfatiza um explicitar sobre a questão. Algo que se transforma em premissa para as pesquisas a serem desenvolvidas em seu âmbito e que faz convergir, num só ponto, trajetórias investigativas de origens diversificadas, com problemas cujos modos de olhar e perguntar passam a se conectar.

Giorgio Agamben (2009, p. 59) em seu texto “O que é o contemporâneo?”, logo após discorrer sobre Nietzsche e a crítica ao tempo no final do século XIX, sintetiza:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.

O filósofo Agamben e o fotógrafo Bavcar coincidem na problematização, quando este último, em seu livro “Imagens Impossíveis”, afirma que “nós”, “modernos”, seríamos todos deficientes, pois compartilhamos de uma visão unidimensional do mundo. Como explicado na visada de Adauto Novaes (2003, p. 113) a partir de Bavcar, a nossa maior deficiência estaria no “desnível entre a percepção do mundo tal como ele é e tal como poderia ser”. Sendo válida, por isso, através de “imagens impossíveis de serem vistas a olho nu”, a (nossa e de cada um) busca constante por “esgotar o campo do possível”.

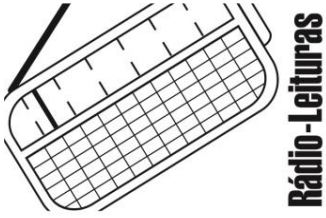
Bavcar trabalha suas imagens – e também reflexões – a partir da lembrança, “forma nobre da memória” (NOVAES, 2003), já que sua cegueira não foi congênita, se instalou aos poucos, em vida, a partir de dois acidentes – um aos 10 e outro aos 12

anos de idade. E na junção entre imagens mentais (“engrenagens do inconsciente”) e as leituras outras do mundo – pelo campo mais vasto dos sentidos, que não apenas o visual – instauram-se, em operações de captura, desconstruções contínuas entre o visível e o invisível, entre a possibilidade impossível, ou melhor, a impossibilidade possível, inventiva, imaginativa⁵.

Novaes (2003), lembra que Bavcar, em seu “corpo-a-corpo permanente do objeto da percepção com o sujeito que percebe” (p. 113), afirma não ser fotógrafo, mas “qualquer coisa que fotografa” (p. 112). Para ele, nele, a parceria entre a visão mnemônica e o tato, como elemento fundamental da percepção, promove uma troca de poderes entres os sentidos (NOVAES, 2003). E, podemos dizer, possui na temporalidade um dispositivo importante, uma passagem, um agenciamento, que tanto atravessa a rememoração, como configura instantes que fogem ao alcance limítrofe da luz.

O tempo, nesse sentido, aparece como um invisível, impalpável, como aquilo que escapa e que se pretende como algo menos configurado – no sentido de uma linearidade ou de um teleologismo –, porém dotado de uma potência, crescente, de compreensão. Pensado o olhar perpassado pelo tempo, entre dissociações e anacronismos, a afirmação de Novaes (2003) sobre a obra de Bavcar também se faz válida: “o invisível é, pois, o outro de uma presença, o outro lado do visível sem o qual qualquer obra não viria à expressão: o invisível é, pois, condição da visibilidade” (p. 107). Uma alteridade que o próprio Bavcar (2003, p. 115) afirma ao falar sobre o tempo, ampliando seu sentido não apenas pelo lado do pensamento, mas também pelo lugar do social:

⁵ Em outro contexto de reflexão, ao falar da relação pesquisa, Wright Mills fala de interessante perspectiva para a imaginação como conceito, uma ideia que diz de seu poder operativo e transcendente: “A imaginação é levada, com freqüência, a reunir itens até então isolados, descobrindo ligações insuspeitadas” (MILLS, 1982, p. 217).



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

Vivo o tempo de modo ambíguo: de um lado, amo o fato de que disponho um pouco dele e que, cada novo instante de minha existência, é também, por definição, o último. Apesar disso, eu me revolto contra preconceitos que, graças às ideologias dos retardatários, dominam o mundo moderno. Conheço muitos cegos que perderam muito tempo demonstrando as mesmas coisas que alguns outros já haviam provado antes deles. Assim, a existência de corpos diferentes é submetida cruelmente à regra do atraso, nos é imposta pelos sedimentos da história e pelo progresso do mundo moderno que não pensa nos grupos marginalizados. Na medida em que renuncio à possibilidade de paralisar o tempo, tento sonhá-lo através da fotografia. A partir de minha experiência de cegueira, me sinto sobretudo num lugar de passagem do tempo tentando compreender o tempo do outro. Vendo o que eu era e no cego que sou, tento reconciliar a velocidade da luz com a do som, ou seja, o tempo do verbo e o tempo da imagem, os quais não são jamais os mesmos. A experiência da morte, pelo seu preâmbulo, que é o espaço das trevas, me dá o verdadeiro valor do tempo, pela ameaça da existência. Ao mesmo tempo, a foto permanece para mim, de alguma forma, a morte duplicada do objeto fotografado. Este, uma vez que se torna superfície lisa do papel, reencontra a sepultura digna do momento onde eu o capturei. O respeito do seu tempo se exprime em mim pela não possibilidade absoluta de profanação.

Se por um lado Baudrillard relativiza e delimita a profanação pela existência de um tempo fotográfico que é registro, Agamben (2009), ao falar criticamente dos dispositivos contemporâneos, incluídos nesse contexto os dispositivos técnicos, exalta a profanação como forma de libertação, de retomada de uma subjetividade “sequestrada” pela sacralização do comum através das distintas redes cotidianas de manutenção do *status quo*. O autor defende que no corpo a corpo com os dispositivos, devemos adotar estratégias complexas, a fim de libertarmos “o que foi capturado e separado por meio de dispositivos e restituí-los a um possível uso comum” (p. 44).

Na verdade, pode-se dizer, filósofo e fotógrafo estão em concordância. Compartilham de uma visão “revolucionária” sobre a produção de sentidos, sobre o gesto de lidar com linguagens, estas últimas tomadas como fundamentos do conhecimento e da experiência cotidianos.

Segundo afirma Agamben em outro texto (2007, p. 75), “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas fazer delas um uso novo, a brincar



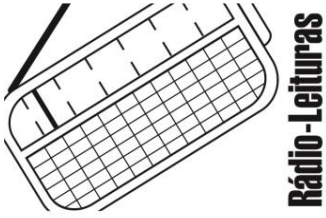
com elas”. Algo que seria lúdico e que, tal qual a visão do invisível de Bavar, lida diretamente com a imaginação (NOVAES, 2003). Uma postura crítica sobre a vida, sobre formas de encarar sua diversificação homogeneizada, que lembra, ou que diz, da necessidade de uma fuga constante da superfície das aparências. Não se trata de uma supervalorização do extraordinário, mas, também, de uma leitura atenta do banal, do trivial, das pequenas coisas e daquilo, inclusive forças, que as conecta(m). Uma transformação do olhar.

Na junção entre esse olhar transformador e na vontade de compreender suas conexões para além, tendo o(s) tempo(s) como liame, o PPGCOM-UFOP, ao pensar as temporalidades da e na Comunicação, enfatiza o olhar sobre meios, registros e memórias, problematizando conhecer as relações da comunicação com as temporalidades sociais e suas dimensões concretas e específicas. Sempre na busca pela trama mais ampla que envolve as relações⁶ predispostas nos universos particulares que fundam as análises e os projetos de pesquisa que fazem – e farão – acontecer essa (potencial) tessitura.

A temporalidade como problema comunicacional, tal qual em outras esferas do saber, não prescinde de um olhar sobre contextos socio-históricos permeado por questões políticas, institucionais e culturais. Não deixa de lado, pois, aspectos memoriais, camadas temporais, de seu cotidiano mais próximo, cuja temporalidade exige esforços interdisciplinares e especializados de caráter inovador, tendo em vista o ineditismo – ou o caráter incipiente – de pesquisas em Comunicação na chamada “Região dos Inconfidentes”.

O Programa, nesse sentido, nasce vislumbrando os diálogos possíveis com os demais PPGs da área no Estado e no Brasil, enaltecendo suas semelhanças e papel na

⁶ “O mundo teórico da comunicação diz respeito às performances comunicacionais, de um sujeito a outro, mas também de redes de sujeitos, a interfaces entre o mundo e os sujeitos. Trata-se do sujeito na relação virtual e do tema da sedução dos sujeitos, partindo do pressuposto que o sujeito isolado só existe na ficção. O mundo comunicacional é o mundo teórico das relações” (BARBOSA, 2012, p. 152).



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

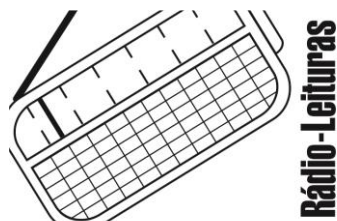
atualização e na modificação consistente da comunicação no mundo hodierno. Aposta, entretanto, pelo contexto que o cerca, pela sua Área de Concentração e suas Linhas de Pesquisa, na afirmação e construção de uma perspectiva diferenciada de investigação, coerente com a epistemologia do campo científico que o congrega e, ao mesmo tempo, orientada pelo universo institucional e temporal que o identifica, a fim de transformá-los.

Configuração do olhar

Considerando que todo ato comunicacional observável, esteja ele ocorrendo no presente ou não, é, em alguma medida, compelido pelo passado, e que tudo que está por vir no futuro aparece no presente em formas de intenções e expectativas, observar a comunicação “pelo” tempo, ou “com” ele, impõe uma visada não apenas “presentista” sobre as pesquisas em/da Comunicação. Como coloca Marialva Barbosa (2012, p. 146): “Mas o que é objeto da reflexão da comunicação não é apenas o presente: deve ser o presente encharcado das práticas de comunicação. O que é objeto da comunicação são processos comunicacionais. E como pensar processos sem pensar em relação temporal?”.

Uma relação, pode-se dizer, que é estendida, perpassada pelo reconhecimento do olhar que pergunta sobre a tensão entre temporalidades diversas, complexas, e por suas afetações nos processos comunicacionais que lhe são objeto. Não sobre fenômenos dados ou prontos, mas em movimento; que podem ser “vistos”, (re)lembrados e questionados pela captura das relações, das interações e pontes que os atravessam.

Do presente, do nosso agora sempre transitório, olhamos o passado e projetamos o futuro. Mas o passado só existe como representação mental a partir do olhar individual daquele que o descortina. Portanto, o passado não é fixo: é materializado pelas recordações e sempre transformado pela interpretação. Assim, como o passado não é fixo, também o presente não é apenas um instante pontual. O presente indica o que vivemos, mas também



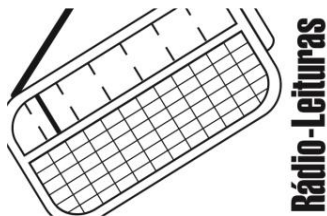
as lembranças que o passado proporciona. Essas lembranças existem sempre no presente, construindo-o pelo entrelaçamento do mesmo (as ações vividas no presente) e do outro (as lembranças que tornam o passado presente) (BARBOSA, 2012, p. 153).

Não há como pensar a comunicação sem pensar seu papel estratégico na sociedade. Sem pensar sua presença tácita e voluntária nos processos de interação social. Seja os institucionalmente midiáticos, seja nas releituras e produções de sentido da vida ordinária. Um conceito, pois, amplo de comunicação, com a mídia e para além dela, que advoga sua dimensão constituinte na vida social.

Sob este viés, o novo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP propõe formar pesquisadores e mestres capazes de olhar o mundo por meio da desconstrução compromissada e do desvelamento engajado. A Área de Concentração – “Comunicação e Temporalidades”⁷ – e as duas Linhas de Pesquisa – “Práticas comunicacionais e tempo social”⁸ e “Interações e emergências da comunicação”⁹ –

⁷ A Área de Concentração do Programa está assim definida: “Partindo da comunicação e da temporalidade como construtos, aglutina linhas de pesquisa que empreendem um duplo movimento: como a comunicação, em suas diferentes manifestações, socialmente trabalha e constrói sentidos sobre o tempo e, em outro viés, como o tempo interfere e faz emergir formas, sistemas e lógicas de comunicação. As interações e os mecanismos midiáticos, atravessados pelo presente, passado e futuro, ou pela articulação das temporalidades, solicitam abordagens interdisciplinares para produzir conhecimento teórico, empírico e aplicado sobre a especificidade dos processos e experiências comunicacionais na sociedade e na cultura contemporâneas. A ordenação temporal, suas fraturas e sua dupla implicação especificam uma visada particular para alcançar os objetos de interesse do Programa e compreende o papel central da comunicação no cotidiano da vida social.” (TAVARES; PRATA; BORGES; SCHWAAB, 2014, p. 36).

⁸ Ementa da linha de pesquisa: “Processos de produção de sentidos e participação da comunicação na configuração da temporalidade e da memória. Modos de reconhecer e mediar o tempo. Leitura crítica das tensões e dos discursos que circulam na comunicação e no jornalismo, seu aparecimento, solidificação e rupturas. Contempla pesquisas sobre práticas jornalísticas e comunicacionais e sua vinculação com a cultura, a política, a experiência e as questões centrais da contemporaneidade.” (TAVARES; PRATA; BORGES; SCHWAAB, 2014, p. 37).



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

têm isso no horizonte. Em suas caracterizações, em suas orientações. Bem como na personificação do grupo de docentes que compõem o Programa e dos muitos outros que, alinhados às suas perspectivas e às exigências objetivas dos órgãos reguladores, virão a ele se integrar¹⁰.

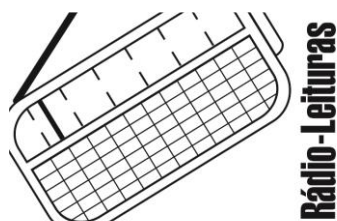
Vera França (2014), apoiada no pensamento crítico de Boltanski sobre a sociologia descritiva, lembra que há uma dimensão política em nossas escolhas teóricas, revestindo-as, e há sobre nossa interpretação do mundo uma responsabilidade. Nossas escolhas de pesquisa incidem de volta na realidade. Nossa produção como pesquisadores, afirma a autora, “forma profissionais e vai não apenas direcionar sua atuação como, através deles e do processo natural de difusão de conhecimento, alimentar de volta o senso comum” (p. 113). Por este motivo, pergunta: “esse conhecimento que produzimos, ao retornar à esfera da vida cotidiana da sociedade, alcança que tipo de resultado e mudança?” (p. 113).

A perspectiva da discussão encabeçada por França (2014) segue o esteio de uma leitura crítica sobre o fazer científico, teórico, e provoca-nos o retorno não apenas às nossas perguntas e respostas, mas às maneiras como questionamos e ao grau de intervenção sugerido pelas afirmações que ousamos fazer, para além do imediato ou redundante.

É resultado de nossas escolhas generalizar leituras que constatarem uma realidade vivida – ou que a ultrapassem; que referendam-na – ou fazem sua crítica. Ora, por este caminho é possível falar da insuficiência de estudos meramente descritivos, que não conseguem ou não ousam ir além das constatações, bem como resgatar o papel de uma ciência comprometida

⁹ Ementa da linha de pesquisa: “Interpelações do tempo nas formas e lógicas comunicacionais, as afetações entre mídia e sujeitos sociais, modos de inscrição, formatos e dinâmicas nos diferentes usos e apropriações dos dispositivos midiáticos. Acolhe investigações acerca dos processos de circulação, das linguagens e transformações dos meios, bem como sobre a relação entre produção e recepção, a interação e as redes em suas dimensões sociais, técnicas e estéticas.” (TAVARES; PRATA; BORGES; SCHWAAB, 2014, p. 37).

¹⁰ Informações sobre o Programa estão disponíveis em: <http://www.ppgcom.ufop.br>.



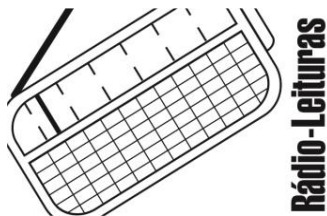
com a mudança e com a melhoria, preocupada em ir além do existente, e capaz de produzir metacríticas (FRANÇA, 2014, p. 114).

A Área de Concentração do PPGCOM-UFOP e suas Linhas de Pesquisa, por isso, vão além de uma criação discursiva. Engendram e configuram um viés de problematização sobre o mundo, que parte da “comunicação e da temporalidade como construtos” e afirma, pela processualidade, sobre formas como a comunicação, em suas diferentes manifestações constrói sentidos sobre o tempo e, reflexivamente, como o tempo interfere e faz emergir formas, sistemas e lógicas de comunicação. Uma definição estruturada, refletida, que toma por princípio a potencialidade e complexidade de distintos objetos de pesquisa. Uma postura epistemológica, inclusiva e também politizada, porque preocupada com os contextos de inserção das práticas comunicacionais no tempo social, as interações, as tecnologias e linguagens que as permeiam, observando o que há para além e por detrás delas, seus mecanismos de produção, reprodução e circulação.

Se os escritos de Agamben possuem, no horizonte, uma mudança de mundo, compartilhando visadas outras de movimentos e rupturas científicas mais recentes, compartilhadas pela reflexão acima, seu desejo escritural e filosófico corresponde também, como lembram Susana Scramim e Vinícius Honesko na “Apresentação” de “O que é o contemporâneo?” (2009), à compreensão de que uma “verdadeira revolução” busca mudar, antes, a “experiência do tempo”. Algo que exige coragem.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós (AGAMBEN, 2009, p. 65).

O pesquisador contemporâneo, que trabalha sob(re) o tempo, não está distante do fotógrafo Bavcar que, ao (não?) enxergar, ou ater-se a uma obrigatoria



Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares

escuridão física, lembra que sem a noite não é possível vislumbrar as estrelas. Neste jogo, “a visão se faz em nós por tudo aquilo que está fora de nós, traz o mundo para dentro de nós. O olhar consiste, pois, não apenas no ato de ver ou de ser visto [...]. É da natureza do olhar querer mais do que ver e ser visto: ele quer e pode *fazer ver*” (NOVAES, 2003, p. 108, grifo do autor). E se o invisível, menos que o escondido a ser revelado, é uma “condição de criação”, no encontro da comunicação com a temporalidade, pelo olhar, tal condição se constitui desafio. O que requisita ao mineiro PPGCOM-UFOP, a coragem que a vida quer da gente, assim como (também) cunhou o contemporâneo (e conterrâneo) escritor Guimarães Rosa.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARBOSA, Marialva. O presente e o passado como processo comunicacional. **Matrizes**, v. 5, p. 145-155, 2012.

BAVCAR, Evgen. O verdadeiro valor do tempo (entrevista concedida a Eduardo Veras, Edson Sousa e Elida Tessler). In: **Humanidades**. N° 49, Brasília, Editora da UnB, janeiro de 2003. p. 114 – 120.

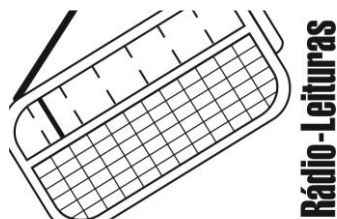
BAVCAR, Evgen. Um outro Olhar. In: **Humanidades**. N° 49, Brasília, Editora da UnB, janeiro de 2003. p. 121 – 125.

FRANÇA, Vera. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das Teorias da Comunicação. **Matrizes**, v. 8, p. 101-116, 2014.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

NOVAES, Adauto. Imagens Impossíveis. In: **Humanidades**. N° 49, Brasília, Editora da UnB, janeiro de 2003. p. 106 – 113.

TAVARES, Frederico; PRATA, Nair; BORGES, Priscila; SCHWAAB, Reges. **Projeto de Implantação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto**. Mariana, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014. 178 f.



ABSTRACT

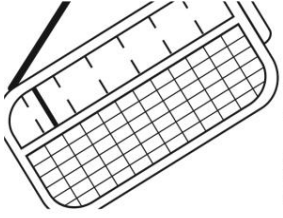
This essay, celebrating the opening of the Graduate Program in Communication from the Federal University of Ouro Preto (Brazil), and by the invitation of the journal "Radio-Leituras", tries to make a presentation and a "reflection" about the new Program, even known as PPGCOM-UFOP. It aims at the intersection of times involving the program, its past, present and future, outlining a framework of memories, impressions and expectations that make up the investigative purposes of its newly appointed identity. The text emphasizes the concept of "look", its theoretical characteristics and its "capacity", as a device, of generates and mediates the encounter between the central axes of the Graduate Program: communication and temporality.

Keywords: Look; Communication; Temporality; Graduate Program; UFOP.

RESUMEN

Este ensayo, en razón de la apertura del Posgrado en Comunicación de la Universidad Federal de Ouro Preto y por invitación de la revista "Radio-Leituras", busca hacer una presentación y una "reflexión" sobre el PPGCOM-UFOP. Su objetivo es, desde la intersección de los tiempos que implican el Posgrado – su pasado, presente y futuro –, esbozar un marco de recuerdos, impresiones y expectativas que conforman los fines investigativos y problemas teóricos de su identidad recién nombrada. El texto tiene como hilo conductor la idea de "mirada" que, como concepto o como dispositivo, arregla y media el encuentro entre los ejes centrales del Posgrado, a saber: la comunicación y la temporalidad.

Palabras-clave: Mirada; Comunicación; Temporalidad; Posgrado; UFOP.



Rádio-Leituras

Comunicação e temporalidade se encontram pelo olhar

Frederico de Mello B. Tavares